

## OS DISCURSOS DE CLARICE LISPECTOR COMO ENUNCIADOS AFORIZANTES DE AUTOAJUDA NA REDE SOCIAL *FACEBOOK*

Ricardo Celestino

Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa – PUC/SP

Ramon Silva Chaves

Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa – PUC/SP

### RESUMO

Este artigo tem como tema o estudo dos discursos de Clarice Lispector utilizados como enunciados aforizantes de autoajuda na rede social *facebook.com*. Temos, como objetivo, examinarmos os enunciados extraídos das obras *Sopro de Vida*, *Água Viva*, *A Hora da Estrela* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, veiculados no *facebook.com* como enunciados aforizantes da página virtual *Conselhos de Clarice Lispector*. Fundamentada pelas teorias enunciativo-discursivas de Dominique Maingueneau, selecionamos, para o desenvolvimento de nosso objetivo, duas categorias de análise que fundamentam, teoricamente, nossa pesquisa, sendo elas o primado do interdiscurso, pois supomos ser imprescindível para compreendermos os efeitos de sentido possíveis dos discursos em análise, e a aforização, que trata da descontextualização de um determinado enunciado, em outro suporte ou discurso, possibilitando novos efeitos de sentido. Identificamos, nessa pesquisa, que os enunciados analisados, descontextualizados de seu lugar original, assumem a função de discursos de autoajuda na rede social *facebook.com*, estabelecem novas relações de interação enunciativa, possibilitando a compreensão do discurso literário como discurso do campo discursivo da autoajuda, devido à autorialidade de Clarice Lispector como autora consagrada.

**Palavras-chave:** Literatura. Análise do Discurso. Redes sociais. Aforização. Interdiscurso.

### INTRODUÇÃO

Vivenciamos, na atualidade, uma tendência de mudança nas tecnologias que dizem respeito às redes sociais. Desde a massificação do acesso à internet e o advento das redes sociais, destacando o *facebook.com*, nos deparamos com mudanças nas práticas sociais dos indivíduos e, conseqüentemente, nas práticas enunciativo-discursivas. Observamos ser muito comum, nas

redes sociais, a veiculação de enunciados extraídos de discursos literários legitimados na prática social, destacando os da autora Clarice Lispector, que, na rede social, servem como enunciados de autoajuda.

Compreendemos que, para fundamentar teoricamente nossa pesquisa, é adequado trabalharmos os enunciados descontextualizados de seus discursos originais como enunciados aforizantes, segundo Maingueneau (2010). Para tanto, nosso arcabouço teórico é pautado nas teorias enunciativo-discursivas de Dominique Maingueneau, referentes às categorias do Primado do Interdiscurso, pois consideramos que o enunciado aforizado tem ligações interdiscursivas com sua fonte enunciativa, e a aforização, que é a descontextualização de um determinado enunciado, em outro suporte ou discurso, possibilitando novos efeitos de sentido.

Selecionamos, para tanto, enunciados aforizantes extraídos das obras *Sopro de Vida*, *Água Viva*, *A Hora da Estrela* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, de Clarice Lispector, que, descontextualizados de seu lugar original, são utilizados na rede social *facebook.com* como discursos de autoajuda. Nosso objetivo é observar como o enunciado aforizante de um discurso constituinte da literatura permite efeitos de sentido diversos, em nosso caso, que coadunam com o discurso de autoajuda.

Optamos pela autora Clarice Lispector por ser recorrente o uso de enunciados aforizantes de seus discursos na rede social *facebook.com*. Ela é representativa da literatura dos anos de 1950-70, consagrou-se devido à sua forma introspectiva e existencial em observar o homem e o mundo. Seus discursos buscam respostas da existência humana em confluência com as práticas sociais que não são dadas nem descobertas. Em sua maioria, seus discursos têm como objetivo instaurar a dúvida das ações cotidianas do homem em modernização. A autora questiona desde a necessidade da autoanálise até como nos subjugamos como menores e despreparados para o mundo.

Ao observarmos seus enunciados aforizantes na rede *facebook.com*, percebemos novos efeitos de sentido para seus discursos. De autora existencial e crítica do papel do homem em sociedade, Clarice Lispector passa a ser uma espécie de instância que detém respostas para a compreensão do mundo e do homem. Semelhante a um enunciador de discursos de autoajuda, ela

passa a ser, além de escritora de discursos literários, conselheira de como viver a vida sem as decepções do cotidiano.

Nosso artigo se organiza em quatro partes que estão dispostas da seguinte maneira: primeira, condições de produção dos enunciados aforizantes em que averiguamos as condições de produção mais próximas da gênese enunciativa de Clarice Lispector, considerando, para isso, a época em que os discursos aforizados no sítio *facebook.com* foram produzidos em seus contextos reais de produção; segunda, fundamentação teórica com a exposição do arcabouço teórico que sustenta de modo científico e crítico nossa análise; terceira, a análise por meio dos recortes aforizados de acordo com a proposta de nosso teórico base; e, na quarta parte, as considerações finais.

## CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DOS DISCURSOS DE CLARICE LISPECTOR

Clarice Lispector<sup>1</sup> foi escritora e jornalista, nascida na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920, e naturalizada brasileira aos dois meses de idade. Foi colunista do *Jornal do Brasil*, do *Correio da Manhã* e do *Diário da Noite*, entre as décadas de 60 e 70. Nessa época, publicava colunas destinadas ao público feminino, que abordavam temas como beleza, comportamento e moda, muitas vezes refletidos com o intuito de ironizar o excesso de vulgaridade da mulher da época. Iniciou sua carreira literária em 1943, com a publicação de *Perto do coração selvagem*, consagrando-se como grande escritora para a crítica da época. Autora de mais de trinta livros, mostrou-se como renomada autora do campo da literatura. Faleceu em 9 de dezembro de 1977, vítima de um câncer inoperável no ovário.

Associada a renomados escritores da época, dentre eles, Virginia Woolf e James Joyce, Clarice Lispector foi autora de discursos cujos temas refletiam o cotidiano existencial do homem dos anos de 1940-70, questionando os valores que fundamentavam as bases institucionais da família, da religião, do trabalho, da arte, entre outras, da época, promovendo um olhar subjetivo sobre os anseios sociais da vida moderna. Tornam-se muito presentes em suas obras as revelações epifânicas, como marcas de um estilo autoral, responsáveis por dar luz conclusiva na trama

---

<sup>1</sup> [http://ims.uol.com.br/Clarice\\_Lispector/D676](http://ims.uol.com.br/Clarice_Lispector/D676)

existencial criada por Clarice, sem que apresentasse uma solução objetiva e fechada às reflexões contidas em seu discurso; as epifanias confirmam o caos regido, de um lado, pelas instituições sociais que suprimem e consomem o que há de humano do homem moderno; e, por outro, como este lida com as influências do mundo social. Tais revelações quase sempre condicionam a um desfecho conclusivo que se opõe ao racional e ao autorizável das instituições sociais.

Clarice Lispector e sua obra se tornaram muito popular na rede social *facebook.com*. Por meio de enunciados aforizantes, seus discursos possibilitam, nesse novo suporte, profunda interlocução com inúmeros campos discursivos, servindo de aconselhamentos de autoajuda em experiências do trabalho, da vida amorosa, da crise familiar, dentre outras. A descontextualização de seus enunciados, bem como o suporte ao qual eles são submetidos – *facebook.com* –, dão possibilidade para novos efeitos de sentido em seus discursos, assumindo o papel de uma espécie de orientação divina e inquestionável, hiperenunciada por uma voz legítima àquilo que é tematizado.

A consequência disso é que os enunciados aforizantes contribuem para a construção de um novo *ethos discursivo* de Clarice Lispector: a de autora da literatura que detém **a palavra** sobre os diversos campos discursivos e, ainda, que seja capaz de responder a questionamentos básicos do dia a dia, como em um receituário de autoajuda. A incerteza presente nas obras da autora, seu olhar existencial sobre o mundo, os aspectos reflexivos acerca da vida são minimizados e recontextualizados com os enunciados aforizados nas redes sociais.

Os trechos analisados foram extraídos do sítio de relacionamento *facebook.com* da página “conselhos de Clarice Lispector”, sem outros critérios de seleção. A princípio, foram selecionados dez recortes, reduzidos a quatro recortes, os quais compuseram nossa amostra. Nossa análise relacionou os discursos em suas reais condições de produção, do universo literário, com as condições de produção atual, proposta pelo sítio, e, com isso, percebeu os novos efeitos de sentido construídos na enunciação do sítio *facebook.com*.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Dizemos que um enunciado é o primeiro, partindo da linha teórica de tendência francesa de Análise de Discurso, doravante AD, é impossível, pois todo enunciado é ligado a outro em uma rede que, dentro de um sistema de restrições, é, embora finita, impossível de ser isolada. Os discursos que circulam em sociedade são construídos à base de outros discursos, havendo duas maneiras para tal: uso de aspas, discurso direto, elementos linguísticos propriamente ditos que evidenciam uma voz alheia ao enunciador, portanto, discursos que são *mostrados*; e, outra forma, em que não se pode notar a presença de outros discursos por estarem enraizados à enunciação de maneira a não ser possível distinguir o enunciado anterior ao que, agora, é mostrado, portanto de maneira *constitutiva*. (MAINGUENEAU, 2008)

A enunciação é condição humana, portanto, pertence à sociedade e aos seus múltiplos canais históricos, sociais e culturais. Assim, a enunciação não pode ser considerada ato individual, apartidário, porque toda enunciação delega uma posição do sujeito que é histórica, social e cultural. Quando o sujeito enuncia, ele se localiza histórica, social e culturalmente, e, dessa forma, evidencia enunciados que estão presentes em sua memória e que não pertencem apenas ao sujeito enunciador, mas à sociedade como um todo ou, pelo menos, à parte dela.

Isto posto, podemos considerar que a enunciação é construída antes mesmo de ser materializada por meio de textos. Ela se constrói nas práticas que o sujeito enunciador tem e que possibilitam a enunciação. Assim, consideramos que todo discurso enunciado é perpassado por uma infinidade de outros discursos. Essa condição inerente a toda enunciação, Maingueneau (2008) considera como o Primado do Interdiscurso.

Considerarmos o primado do interdiscurso é considerarmos que todo discurso tem em si a presença de Outro. Essa presença exerce tensão no discurso enunciado e cria nesse discurso enunciado a própria possibilidade de enunciação. É na tensão da presença do Outro que um discurso pode provar sua própria existência.

Ainda que os discursos estejam sob uma gama muito vasta de intersecções, não podemos dizer que essas relações sejam infinitas. Cada enunciado tem um *universo* dentro do interdiscurso, que, embora grande e dificilmente isolável, tem um limite. O universo discursivo

está dentro do interdiscurso cuja fronteira entre o que é possível relacionar ao enunciado e o que não é possível. Maingueneau (2008, p. 32) considera esse o universo discursivo como as possibilidades de sentido dentro de uma conjuntura dada.

Considerando que a pesquisa como a conhecemos trabalha por meio de recortes, o universo discursivo, *a priori*, não pode interessar ao pesquisador de AD haja vista sua dimensão. Dentro do universo discursivo, há zonas mais fáceis de serem delimitadas, visto que é nelas que se põem em concorrência as formações discursivas. “Concorrência” deve ser entendida, nos termos de Maingueneau (2008, p. 34), de maneira mais ampla; ela inclui tanto o confronto aberto, quanto a aliança, a neutralidade aparente etc., é assim o *campo discursivo*, o lugar de embate mais evidente dentro do interdiscurso.

Em relação ao campo discursivo, podemos observar um lugar dentro do interdiscurso, se assim se pode dizer, ainda mais restrito que é selecionado pelo olhar do pesquisador de AD, o *espaço discursivo*, como aponta Maingueneau (2008). É no espaço discursivo que se torna mais evidente o posicionamento do enunciador dentro do interdiscurso, uma vez que é sob o espaço discursivo que se pode perceber a relação que o enunciador faz em seu enunciado com sua posição histórica, social e cultural que se entrelaçam em uma rede capaz de demonstrar o interdiscurso como primazia.

Percebermos que o interdiscurso supõe, antes mesmo da enunciação, um sistema de relações capaz de dar possibilidade à enunciação, também, é percebermos que a enunciação é mais do que uma organização linguística, mas a própria fonte de existência do sujeito como enunciador em sociedade. A partir disso, podemos considerar que há enunciados que têm maior, ou menor, potencial para marcar enunciadores e enunciadores como pertencentes a um dado tempo, uma dada posição social e uma dada posição histórica. Enunciados como uma conversa, por exemplo, por seu caráter fluído e dinâmico, não podem ser observados de maneira a demonstrar esses posicionamentos; entretanto, enunciados como os de literatura logram de grande prestígio, quando se tem o interesse pelo discurso literário.

Os enunciados pertencentes à literatura têm grande prestígio por serem retrato da sociedade que os produziram, marcarem a postura social, histórica de seus enunciadores, ou seja, serem discursos com grande potencial para a demonstração do interdiscurso. Contudo, além

disso, enunciados como os literários têm uma emergência no interdiscurso que se diferencia dos demais enunciados que circulam em sociedade. A enunciação literária marca sua própria emergência no interdiscurso, e, se ao acaso, tem em sua enunciação discursos científicos, ou religiosos, por exemplo, esses últimos estarão submetidos ao funcionamento e ao interesse do discurso literário.

A enunciação literária é auto e heteroconstituente, visto que submete os demais enunciados à própria zona de interesse e dá, por isso, suporte à existência de múltiplos gêneros dos discursos, como indica Maingueneau (2006). Dessa forma, o suporte dado pelo discurso literário aos gêneros do discurso evidencia uma existência e uma não existência dos discursos literários na sociedade, pois não há um gênero do discurso propriamente literário. Isso poderia levar, inclusive, ao equívoco de entendermos literatura como tema dos gêneros do discurso, o que não é possível, porque a literatura dá suporte e garantia para que múltiplos gêneros do discurso se organizem em uma encenação, propriamente literária, e estejam sob influência literária, a essa problemática da existência dos discursos literários Maingueneau (2006) chama de *paratopia*.

A existência de um discurso literário depende, portanto, de uma posição bem delineada no interdiscurso, e esse posicionamento não aceita a submissão a outros discursos, embora submeta outros discursos ao seu interesse. Discursos dessa natureza só podem ser aceitos socialmente se tiverem a garantia de um autor de prestígio que se marque no discurso, e que o discurso o valide como autor em potencial. Registra o discurso literário um autor que seja responsável pela enunciação e que dê significado a ela, um significado interpelado pelo posicionamento social, histórico e cultural.

Essas peculiaridades do discurso literário demonstram que ele tem um potencial diferente dentro do interdiscurso: “É um discurso que confere sentido aos atos da coletividade, marca seu próprio posicionamento no interdiscurso e tem um autor de grande prestígio”, isto é, segundo Maingueneau (2008, 2010), trata-se de um *discurso constituinte*.

Como vimos, essa constituência é revelada por meio de múltiplos gêneros do discurso que dão suporte, inclusive material, para que o discurso constituinte literário se mostre. Não acontece, quando pensamos em gêneros do discurso, de ser um enunciado literário a se moldar, à guisa da vontade de seu enunciador, a um gênero do discurso construído pelos membros de uma sociedade



para determinado fim; contudo, o que mais parece correto é justificar o uso dos gêneros do discurso pelas condições de produção de um enunciado. Quando se enuncia, é a finalidade do enunciado, para quem se destina o enunciado, em que tempo histórico o enunciado ocorre, em que posição social do enunciador o enunciado se revela que se demonstrarão como condições de gênero. Os gêneros do discurso são, portanto, o lugar onde se evidencia o interdiscurso, pois demonstram, em uma materialidade ritualizada, enunciadores, tempo, suporte, condições históricas do sujeito que enuncia e do enunciado.

De acordo com o referencial teórico orientado por Dominique Maingueneau abordado até aqui, os gêneros dos discursos que são demonstrados, no discurso constituinte literário, têm na literatura suas condições de produção e dão suporte ao discurso constituinte literário para que ele se mostre. Assim, entendemos que o discurso constituinte literário encena sua emersão no interdiscurso, considerando que, por meio das condições paratópicas, sua existência na sociedade é possível, concebemos, então, a existência da literatura, e impossível, já que não podemos delimitar a sua existência social.

A encenação dos gêneros dos discursos acontece por três vias: a *cena englobante*, que caracteriza o tipo do discurso, em Maingueneau (2004, p. 86), o discurso constituinte literário pressupõe-se uma cena englobante, literária; a *cena genérica* é aquela que corresponde à rotina de um gênero, como ele acontece marcado historicamente; e a *cenografia* que corresponde ao que é encenado na enunciação. Por exemplo, quando pensamos na cena englobante literária, podemos encontrar uma cena genérica de carta, em que dois personagens se correspondem; em determinado momento da carta, existe a possibilidade de ser encenado, numa cenografia, um poema. Dessa maneira, a enunciação literária acontece na mesma medida que existem condições de produção que possibilitam a existência dessa enunciação.

Como vemos, os discursos constituintes literários encenam gêneros dos discursos que só podem ser encenados porque têm condições de produção no próprio discurso constituinte literário. Essa constituição cria seu próprio sistema de restrições, capazes de dar, como observamos, um universo finito de efeitos de sentido. Essa rede muito bem engendrada, todavia, pode sofrer alterações em seus universos de sentido, e essa alteração no universo de sentido gerará novas condições de produção, alguma dessas categorias que viemos ressaltando se



modifique. É o caso de encontrarmos um enunciado do discurso constituinte literário, em outro campo. Quando um fenômeno dessa natureza acontece, o universo discursivo se modifica, posto que existem outros sistemas de restrições em novos gêneros do discurso; o campo se modifica tanto quanto o universo.

Mainueneau (2010) denomina a transposição de enunciados de um terreno a outro, feito pelos enunciadorees pela necessidade encontrada em novas condições de produção, como aforização. Quando um enunciado é transposto de gênero, ele ganha novos efeitos de sentido; no entanto, essa transposição não pode ser total, porque ela carrega traços semânticos do discurso originário, funcionando no discurso novo como traço interdiscursivo. Por exemplo, se um discurso aforizante pertencer primeiramente ao campo da literatura, ele precisará de, no novo campo que irá representar, ter elementos que justifiquem seu novo posicionamento. Assim, se pensarmos em nossa zona de interesse, o discurso literário aforizante, da obra de Clarice Lispector, só faz sentido, quando posto no gênero de autoajuda, porque pode dar sustentação às condições de produção do gênero *autoajuda*.

Os discursos de autoajuda tornaram-se necessários na atualidade por estimularem o bem-estar da coletividade e do indivíduo, por meio de instruções dadas para atingir a felicidade. Tendo como finalidade a felicidade do indivíduo, ou driblando o medo ontológico da morte, nas competições no mercado de trabalho atual, ou nos novos posicionamentos que a vida contemporânea exige, o gênero do discurso *autoajuda* funcionará de maneira pedagógica para que o indivíduo encontre forças para lidar com os destemperos cotidianos em si mesmo.

Para isso, a enunciação de autoajuda tem de contar com alguém de grande prestígio social, como o cientista que encontrou uma “fórmula da felicidade”; o filósofo que, por meio das questões do discurso constituinte da filosofia, atingiu o estado máximo de felicidade e agora o ensina; o guru que, por ter relações com entidades cósmicas, pode instruir caminhos para a felicidade; ou, em nosso caso, a literatura, que tem um autor de grande prestígio social por ter validade como Autora do discurso constituinte literário.

Vemos, assim, que a aforização do discurso literário servirá para o discurso de autoajuda como fonte de validação da enunciação. Entretanto, não podemos considerar apenas a Autoria como a única fonte mantida no enunciado aforizante presente no discurso de autoajuda. Devemos

lembrar que a enunciação de Clarice Lispector lidava com as questões primárias da existência e sua enunciação é campo de pesquisa não apenas da linguística e da literatura, mas também da psicanálise e da filosofia. Campos que são responsáveis, também, por responder às angústias humanas. A relação construída por meio do interdiscurso entre as condições de produção e históricas e sociais de Clarice Lispector no modernismo brasileiro coadunam perfeitamente com a enunciação aforizante que emerge no sítio *facebook.com* com a atualização das condições de produção dos discursos e que, por isso, é interesse de nosso trabalho e que pretendemos evidenciar por meio da análise a seguir.

## ANÁLISE

Nos recortes que se seguem, analisamos quais os efeitos de sentido possíveis dos enunciados aforizantes de Clarice Lispector extraídos das obras *Sopro de Vida*, *Água Viva*, *A Hora da Estrela* e *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, veiculados no *facebook.com*, mais especificamente na página **Conselhos de Clarice Lispector**. Examinamos que, ao serem extraídos de seu contexto original, os enunciados aforizantes confirmam seu pertencimento também ao campo discursivo da autoajuda.

Os enunciados textualizantes, isto é, que ainda se encontram em seu contexto original, lidam com questões essenciais da vida humana, mas que não detém direcionamentos imediatistas e soluções reveladoras da verdade absoluta. Contudo, ao serem aforizados na prática social do *facebook.com*, os enunciados podem, ou não, manter os mesmos efeitos de sentido de seu lugar original e possibilitam ao co-enunciador um receituário de conduta social típico do discurso de autoajuda, ao que contribui para uma mudança da imagem autoral de Clarice Lispector como autora da literatura, para aquela que, além de autora de literatura, passa a ser orientadora de problemas cotidianos.

Sendo assim, dividimos nossa análise em quatro recortes, correspondendo um de cada obra selecionada, para que possamos examinar a recorrência dos efeitos de sentido mencionados.

*RECORTE n° 01*

*Santa Catarina de Gênova dizia que, quando Deus quer penetrar uma alma, abandona-a antes completamente.*

No primeiro recorte, observamos um enunciado aforizante extraído da obra *Um Sopro de Vida (Pulsações)*. A obra tem como tema a autorreflexão da existência humana de um enunciador que, para se autoanalisar, projeta uma imagem de si na forma de uma personagem, Angela, que passa por uma espécie de análise psicológica acerca de seu posicionamento sobre a vida e as instituições sociais.

O discurso é apresentado em uma estrutura fragmentada, marcado por fluxos de consciência da personagem Angela, promovidos pelas perguntas existenciais do enunciador não identificado. A obra permite a interlocução com inúmeros campos discursivos, marcada pelas condições sócio-histórico-culturais dos anos de 1970, vivenciadas pela autora. A sociedade da época apresentava-se de forma muito rígida em relação aos valores e padrões sociais, o que é refletido no discurso pela busca, do enunciador, por um espaço legítimo em sociedade em forma de questionamentos existenciais sobre o homem e o meio.

Ao observamos o enunciado aforizante, em destaque no recorte 1º, verificamos que muitos dos efeitos de sentido do discurso original são mantidos. A reflexão existencial do homem de alma perdida, sem expectativas, e a figura de Deus como o único possível salvador de sua alma é fruto do existencialismo presente em outros enunciados do discurso original. Contudo, notamos uma mudança no teor de linguagem apresentado no enunciado aforizante. Sua descontextualização restringe o efeito de sentido do discurso para uma mensagem positiva e legítima: quando Deus quer aproximar-se de uma alma, Ele antes a abandona completamente. Em outras palavras, uma alma abandonada será, certamente, contemplada por Deus. A dúvida e a falta de exatidão manifestas nos enunciados originais, fruto do fluxo de consciência de quem está em análise e busca respostas, só conseguindo mais dúvidas, não são recuperadas pelo enunciado aforizante. O enunciado em seu contexto original faz parte de um conjunto de reflexões existenciais que marcam a falta de exatidão àquilo que é afirmado.

Observamos, ainda, que, diferente do enunciado contextualizado em seu lugar original, o enunciado aforizado permite efeitos de sentido de inúmeros campos discursivos, variando de pessoa a pessoa, dependendo do conflito pelo qual elas estão passando, quando da recepção do enunciado. Podemos remeter as causas de uma alma abandonada como um conflito amoroso, a ausência de emprego, o endividamento, dentre outros, e temos efeitos de sentido possíveis no enunciado aforizado. Também, que a presença de Deus, no enunciado aforizado, é sinônima de ausência de perspectivas momentâneas, pois Deus há de aproximar-se daquele que antes sofre. Aquele que não possui problemas de alma não precisa da presença de Deus.

Esse efeito de sentido é possível também no discurso original, todavia, notamos que o enunciado aforizado permite uma maior interlocução para a reflexão de uma espécie de receituário de boa conduta, de crença divina, que basta crer para acontecer. Em seu contexto original, o enunciado está em meio a uma obra que não promove uma concordância objetiva acerca da vida, mas sim, reflexões que se pautam em mais dúvidas do que certezas. Outros enunciados acabam por confrontar essa certeza absoluta que impera nesse enunciado aforizado e, quando este se encontra descontextualizado, nós não conseguimos recuperar tais efeitos de sentido possíveis; por isso, atribuímos a ele voz de objetividade e certeza. O mesmo ocorre com o enunciado aforizado do recorte abaixo:

*RECORTE n° 02*

*Tenho que pagar o preço. O preço de quem tem um passado que só se renova com paixão no estranho presente. Quando penso no que já vivi me parece que fui deixando meus corpos pelos caminhos.*

O enunciado aforizante, extraído da obra *Água Viva*, que, para muitos teóricos, é como um improviso de *jazz* em 95 páginas, também nos remete a uma visão existencial da vida. Essa obra é uma reflexão acerca da escrita literária, diante da dificuldade do escritor com o domínio das palavras e dos sentidos a que elas remetem. Os enunciados giram em torno de definições e descrições das coisas que cercam o enunciador, deixando uma sensação de impotência àquele escritor, que tenta apreender o instante exato da promoção da escrita.

A autora busca compreender o fazer literário enquanto processo criativo, em torno de uma linguagem profundamente hermética, que possibilita inúmeros diálogos com outros campos discursivos. O discurso *Água Viva* reflete sobre o cotidiano de um escritor de literatura, e o trecho aforizado e destacado como recorte se refere a esse contexto de criação artística.

A descontextualização do enunciado de seu contexto original incide, novamente, em um estatuto de enunciador e co-enunciador que reproduz uma orientação cuja afirmação é exata, impassível de ser discutida e questionada. Um dos efeitos de sentido possíveis do enunciado aforizado é uma reflexão acerca de como compreender a vida e seus acontecimentos em relação ao tempo passado, presente e futuro. Podemos observar que o enunciado aforizado não deixa marcas dêiticas que nos revelem um tempo e um espaço definidos, o que possibilita observarmos o enunciado, atribuindo-lhe tempo e espaço, e, conseqüentemente, os efeitos de sentido que desejamos. Essa abertura para inúmeros efeitos de sentido, sem uma contextualização, provoca maior adesão do co-enunciador, pois ele pode recuperar o sentido que melhor lhe servir do enunciado aforizado.

Ao observamos o enunciado aforizante, poderíamos refletir sobre o fato de que o enunciador considera o preço como uma dificuldade passada por aquele que almeja uma renovação presente. O desejo de renovação implica dois estados: um estado primeiro de amargura e um estado segundo de desejo de romper com essa amargura. Podemos refletir tais estados no campo do trabalho, mas também, no campo da vida afetiva, como uma forma moderna de encarar o amor, bem como questionamentos acerca da trivialidade em se economizar dinheiro.

Como afirmado anteriormente, todos esses efeitos de sentido só podem ser confirmados pela necessidade do co-enunciador, visto que a descontextualização permite que o enunciado fique em aberto, sem referenciais que o delimite. O co-enunciador constrói os efeitos de sentido que melhor correspondam às suas necessidades. Também podemos observar a mudança de tom do enunciado aforizado para um receituário fechado e exato de como conduzir a vida. Faz uso da imagem estereotipada da conduta ideal de vida e, mesmo não utilizando imperativos que ordenem uma conduta, o enunciado aforizado acaba legitimando um modelo ideal de conduta.

No recorte abaixo, identificamos como a mudança do lugar original do enunciado, a partir de sua destacabilidade, altera drasticamente os efeitos de sentido do enunciado aforizante com o enunciado textualizante.

*RECORTE n° 03*

*É melhor eu não falar em felicidade ou infelicidade – provoca aquela saudade demasiada e lilás, aquele perfume de violeta, as águas geladas da maré mansa em espumas pela areia. Eu não quero provocar – porque dói.*

O recorte n° 03 foi extraído da obra *A hora da estrela*. Nela, observamos a história de Rodrigo S.M., escritor da história de Macabéa, que é uma alegorização da miséria e da alienação da maioria da população brasileira. Rodrigo S.M. torna-se o narrador da história e estabelece uma relação de amor e ódio com a personagem Macabéa. Ao mesmo tempo em que sente piedade da miséria da personagem, sente raiva e revolta diante de tanta passividade da mesma. Muitas vezes, sente-se culpado pela ausência de consciência da personagem.

A autora consegue, com a obra, colocar o leitor na condição de observador da miséria humana, despertando o sentimento de que todos temos algo de Macabéa e algo de Rodrigo S.M. em nosso interior. *A hora da estrela* é uma obra que tem como finalidade a denúncia social. A voz de Rodrigo S.M. é uma mistura de culpa e escárnio, e, ao nos depararmos com o recorte proposto a ser analisado, percebemos muito mais escárnio do que sinceridade em suas palavras. O contexto em que se insere o enunciado é precedido pela rejeição bruta de Olímpico com Macabéa, quando este a troca para ficar com sua única amiga, Glória.

A descontextualização do enunciado aforizado causa um novo efeito de sentido. Perdemos a ironia que o enunciador pretende causar diante da impassividade de Macabéa à traição do namorado. A ausência de tato até para exteriorizar o ódio do orgulho ferido, que é observado por Rodrigo S.M., simplesmente como um não falar de felicidade nem infelicidade, tratando-a de forma alienada, sem a exteriorização de sentimentos. Devemos lembrar que a tomada de consciência de Macabéa e toda sua condição humana só serão definidas e esclarecidas no final do romance, no instante epifânico, precedido de seu atropelamento e sua morte.

Se observarmos o enunciado fora do contexto, remetemos a leitura, novamente, para outros campos discursivos, que se relacionam com felicidade, infelicidade, saudade e dor. Em outras palavras, o enunciado aforizado nos remete à possibilidade de efeito de sentido de que o sentimento de saudade, sendo bom ou ruim, deve ser evitado, pois é doloroso. As possibilidades de efeito de sentido que o enunciado aforizado permite acerca do sentimento de saudade são muito mais amplas do que a contextualizada na obra.

Podemos, assim, falar da saudade em inúmeros campos, desde a família, até a infância, o trabalho, o amor, a escola, dentre outros. O enunciado aforizado ainda recupera o efeito de sentido de que a saudade é sempre um sentimento de distanciamento e pode provir de coisas boas e más, mas é completamente oposta à saudade expressa por Rodrigo S.M. que deveria ser um desabafo ou um grito de ódio dado por Macabéa frente à situação por ela experienciada.

No recorte abaixo, também identificamos a abrangência dos efeitos de sentido do enunciado aforizado, quando retirado de seu lugar original:

*RECORTE Nº04*

*A vida inteira tomara cuidado em não ser grande dentro de si para não ter dor.*

O recorte nº 04 é da obra *Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Nesta obra, temos a história de Loreley, apelidada Lóri, que mora sozinha no Rio de Janeiro e é professora primária. Sem amigas e com a família morando em outra cidade, realizava consultas frequentes a uma cartomante, em busca de respostas existenciais e filosóficas acerca de seu lugar no mundo. Em paralelo, temos Ulisses, professor de filosofia em uma faculdade do Rio de Janeiro, que se aproxima de Lóri com a intenção de aprender algo da profissão da professora primária. Ambos passam a se conhecer melhor, e, em seus encontros e conversas, Ulisses propõe a Lóri inúmeras reflexões sobre a vida e o mundo. O amor que existe entre os dois é despertado conforme Lóri vai se dando conta de sua existência e de sua importância nas práticas sociais que a cercam. O livro reúne profundas reflexões filosóficas e existenciais em torno da descoberta de Lóri do que é viver e amar.



O enunciado aforizado em destaque retoma alguns sentidos da temática do discurso original. Nele, percebemos a reflexão sobre o quanto deixamos de crescer com o medo de não conseguirmos os resultados almejados. Tal reflexão encontra-se descontextualizada do que o romance propõe, mas mantém sua temática. O interessante é que o enunciado aforizado permite a relação com outros campos discursivos de forma mais explícita que no romance, pois só conseguimos dar sentido a ele se associarmos a outros campos discursivos que afetam nosso cotidiano. Podemos almejar crescer no amor e não temos coragem de sofrer. Também no trabalho, ou em algum investimento grande, que requer riscos. Ainda, conseguimos remeter o enunciado aforizado a exemplificações de pessoas que arriscaram e conseguiram. Em outras palavras, o enunciado aforizado promove uma reflexão crítica acerca do comodismo humano de não querer crescer em quaisquer ramos da atividade humana que pensarmos.

Observamos, diante da análise dos quatro recortes, que o enunciado aforizante constitui-se como enunciado de autoajuda em virtude, primeiramente, da autoria dos enunciados, uma vez que legitima e concede autoridade ao enunciador; e, em segundo lugar, em consequência do suporte no qual os enunciados estão inseridos e os campos discursivos que os enunciados, tanto no lugar original como aforizantes, permitem que se estabeleçam relações, já que o discurso literário não se inscreve como discurso tópico, mas passa a ser atópico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos, como vimos, atingem diferentes efeitos de sentido quando engendrados em diferentes condições de produção e formam diferentes relações de concorrência em suas relações interdiscursivas. A partir disso, pudemos notar que os discursos da autora Clarice Lispector formavam diferentes efeitos de sentido quando seu lugar original é desprezado.

A aforização do discurso de Clarice Lispector para o ambiente de *facebook.com* trouxe uma conselheira, oriunda da introspecção captada do discurso literário, fonte original do discurso, aliada a uma autora de grande prestígio. Quando aforizados, os discursos perderam seus efeitos primordiais de questionamento com o homem em suas relações cotidianas, com os percalços

rotineiros e passaram, justamente ao oposto disso, a responder a eles com mensagens de otimismo, superação e força.

Essa mudança drástica nos efeitos de sentido não aconteceu de maneira aleatória, a nova relação dos efeitos de sentido só pôde ser alcançada, em razão de as relações iniciais de efeitos de sentido no discurso clariceano já lidarem com a introspecção humana, ou seja, entre o discurso literário de Clarice Lispector e o discurso de autoajuda, há um ponto de extrema concorrência: a introspecção humana.

A partir desse ponto, com a intersecção das relações interdiscursivas do discurso literário e do discurso de autoajuda, percebemos um caminho bifurcado em direções paralelas. Na autoajuda, há o apagamento de características do discurso literário, como, por exemplo, a narrativa como um todo alinhavado é desconsiderada, as noções de temporalidade, contextualização das personagens com o tempo cronológico ou psicológico. Contudo, há o acréscimo de detalhes próprios do discurso de autoajuda, como, por exemplo, a aproximação de Clarice Lispector não apenas como autora da enunciação, mas como conselheira, aquela que se torna personagem do discurso enunciado.

Por fim, consideramos que o discurso literário de Clarice Lispector tem um ponto de concorrência com o discurso de autoajuda, por isso pode obter novos efeitos de sentido quando aforizado em um novo ambiente de enunciação.

## REFERÊNCIAS

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de Vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MAINGUENEAU, D. *Análise de Textos de Comunicação*. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, D. *O Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Doze Conceitos em Análise de Discurso*. (Org.). POSSENTI, S, PÉREZ, M.C. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Parábola, 2010.

### **ABSTRACT**

This article focuses on the study of discourses of Clarice Lispector used as set out aforizantes self-help in the social network facebook.com. We aim to examine the statements extracted from the works *Breath of Life*, *Living Water*, *The Hour of the Star* and *A learning or the Book of Delights*, Clarice Lispector run on facebook.com as stated aforizantes virtual page Councils Clarice Lispector. Grounded in the theories of discursive enunciation-Dominique Maingueneau, selected for the development of our goal, two categories of analysis that underlie theoretically our research, these being the primacy of interdiscourse because we assume to be essential for understanding the effects of possible sense of in speech analysis and aforização, it is the descontextualization a given utterance, speech or other support, enabling the effects of new direction. Identified in this research, which analyzed the statements, decontextualized from its original place, assume the role of self-help discourses on the social network facebook.com, establish new relationships expository interaction, enabling the understanding of literary discourse as a discourse of the discursive field of self-help due to *autorialidade* Clarice Lispector author as consecrated.

**Key words:** Literature. Discourse Analysis. Social networks. *Aforização*. Interdiscourse.

Envio: Março/2013

Aprovado para publicação: Maio/2013